

# Quercus alerta para custos causados pela dependência energética externa da UE

12 de Julho, 2016

Quatro quintos do petróleo consumido na União Europeia (UE) provém de empresas não europeias, com uma clara predominância de fornecedores russos, que garantem um terço (36%) do petróleo bruto importado. É o que revela um novo estudo sobre a dependência do petróleo na UE, elaborado pela Cambridge Econometrics para a Federação Europeia dos Transportes e Ambiente (T&E), da qual a Quercus faz parte.

Apenas dois dos 10 principais fornecedores de petróleo são europeus, sendo a maior parte do petróleo importado fornecido por empresas de países com uma situação política e social instável, como são os casos da Rússia e da Líbia.

Para a Quercus, a excessiva dependência energética do petróleo externo está a dar lucro às grandes companhias petrolíferas destes países, aumentando a insegurança energética na UE. A Rosneft e a Lukoil, duas empresas russas, representam a maior quota de importações de crude de petróleo para a UE.

## **Petróleo e gásóleo externos custam 300€/ano por cidadão europeu**

Segundo uma estimativa do T&E, os custos associados à importação de petróleo e gásóleo podem ascender a 300 euros por ano, e por cada cidadão europeu, dinheiro este que está a fluir para fora da economia europeia.

A dependência de importações de petróleo bruto (crude) tem aumentado drasticamente na Europa nos últimos 15 anos. Da mesma forma, a dependência das importações de gásóleo duplicou, entre 2001 e 2014, para 35 mil milhões de euros.

Registando uma tendência contrária, a produção doméstica da UE e as importações de crude a partir de países com um nível de instabilidade geopolítica muito baixo, como a Noruega, têm diminuído, o que agrava a insegurança energética europeia.

## **Transportes são setor mais dependente do petróleo externo**

Os transportes são o setor mais dependente do petróleo importado na UE, representando dois terços da procura de produtos petrolíferos finais na Europa. Para a Quercus, a implementação de medidas de descarbonização dos transportes poderia trazer claros benefícios ao nível da segurança económica, ambiental e energética, uma vez que a queima de combustíveis fósseis está diretamente associada às emissões de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), o mais importante gás com efeito de estufa (GEE).

De acordo com um anterior estudo da Cambridge Econometrics, apostar na transição para os veículos elétricos poderia traduzir-se num aumento do Produto Interno Bruto (PIB) da UE em 1%, na criação de 2 milhões de

potenciais novos empregos e na redução das emissões dos veículos ligeiros e comerciais em 83% até 2050.

### **Estratégia Europeia de Mobilidade de Baixo Carbono**

Está agendada para o próximo dia 20 de julho a publicação de uma Estratégia Europeia de Mobilidade de Baixo Carbono, por parte da Comissão Europeia. Nesta altura deverá também ser conhecido o acordo estabelecido com os Estados-membros relativamente às quotas nacionais para reduzir as emissões dos setores que não integram o Regime do Comércio de Licenças de Emissão da UE (RCLE-UE) – transportes, habitação e agricultura – no âmbito da designada “decisão relativa à partilha de esforços”.

Neste contexto, a Quercus, a par de outras associações de defesa do ambiente, apela à Comissão Europeia para que:

- proponha novos e ambiciosos limites de emissão de CO<sub>2</sub> para os veículos ligeiros de passageiros, comerciais e pesados, para 2025;
- desenvolva uma estratégia abrangente para impulsionar os veículos elétricos no setor dos transportes;
- tome medidas para reduzir as emissões da aviação e do transporte marítimo internacional;
- acabe com os apoios públicos à produção de biocombustíveis não sustentáveis.

Estabelecer um plano ambicioso com vista à descarbonização dos transportes reduzirá a procura de petróleo e garantirá que o dinheiro dos contribuintes europeus fica salvaguardado, com o fomento da inovação, da criação de emprego e da segurança energética, revela a associação ambientalista.